

## MULHERES RURAIS E SABERES TRADICIONAIS NO SEMIÁRIDO NORDESTINO: PERCEPÇÕES SOBRE A DIVISÃO JUSTA DO TRABALHO DOMÉSTICO NO CONTEXTO DO PROJETO JANDAÍRAS

LUIZA CAROLINA DA SILVA

MARIA DO SOCORRO DE LIMA

LAETICIA MEDEIROS JALIL

### RESUMO

O presente trabalho apresenta uma discussão inicial sobre o tema da divisão justa do trabalho doméstico na perspectiva das mulheres envolvidas no projeto Jandaíras. A proposta metodológica se dá a partir de uma oficina realizada com as mulheres durante a programação do II Seminário do Projeto Jandaíras, onde se trabalhou, através de metodologias da educação popular e feminista, o olhar e a compreensão delas sobre a temática. Os resultados, apesar de preliminares, possibilitam refletir sobre diversos aspectos, sobretudo as relações domésticas para mulheres de povos e comunidades tradicionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Divisão sexual do trabalho; Mulheres; Povos e comunidades tradicionais; Divisão justa do trabalho doméstico.

### ABSTRACT

*This paper presents an initial discussion on the fair division of domestic labor from the perspective of the women involved in the Jandaíras Project. The methodological approach stems from a workshop held with the women during the Jandaíras Project's 2nd Seminar, where the women's perspectives and understanding of the topic were explored using popular and feminist education methodologies. The results, while preliminary, allow for reflection on various aspects, particularly domestic relations for women from traditional peoples and communities.*

**KEYWORDS:** Sexual division of labor; Women; Traditional peoples and communities; Fair division of domestic labor.

## Introdução

As mulheres rurais desempenham um papel fundamental na nossa sociedade, a exemplo das atividades que realizam para a segurança alimentar, conservação da agro sociobiodiversidade através de plantas medicinais, reflorestamento de árvores nativas, criação de pequenos animais, cultivo das sementes crioulas (animais e vegetais), beneficiamento nas agroindústrias como fonte de renda, atividades produtivas em associações e cooperativas atividades que são essenciais para a reprodução delas e de suas famílias, bem como o fortalecimento do tecido social nos territórios (CARNEIRO, M. J., 2006; NOBRE; HORA, 2017).

Apesar de estarem à frente de diversas iniciativas econômicas e produtivas, as mulheres rurais tendem a se envolver em grupos menores e, muitas vezes, de forma intermitente. Sua participação costuma ser mais limitada à medida que as organizações ganham maior porte e grau de institucionalização, como ocorre em muitas cooperativas e associações. Esse cenário evidencia os desafios enfrentados por elas para acessar espaços mais formais de poder e decisão dentro das estruturas organizativas rurais.

O trabalho das mulheres rurais está profundamente marcado pela Divisão Sexual do Trabalho, uma forma de organização social que distribui as atividades com base nas relações de sexo. Segundo Kergoat (2003), essa divisão atribui às mulheres, predominantemente, o espaço privado – associado à esfera reprodutiva e ao cuidado – enquanto reserva aos homens o domínio do espaço público e das atividades produtivas. Essa lógica histórica reforça desigualdades, invisibilizando o papel das mulheres na produção agrícola e limitando sua inserção em espaços de decisão e reconhecimento econômico.

Neste sentido, a divisão sexual do trabalho, como um mecanismo estruturado pela relação social histórica, se aprofunda na sociedade capitalista, onde se fortalece a ideia que a mulher é a única responsável pelo trabalho doméstico e do cuidado com a casa e com a família (SOUSA E GUEDES, 2016).

Um sentido mais amplo, apresentado por Silvia Federici (2019) explica que o trabalho doméstico representa uma estrutura que naturaliza um papel de gênero forjado pela relação patriarcado-capitalismo. Ao, nas palavras de Daniele Kergoat (2010), como “relações sociais consubstanciadas e coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e raça se reproduzem e se co-produzem mutuamente”.

A ausência de uma divisão justa das tarefas domésticas é um dos principais desafios que as mulheres enfrentam nas suas possibilidades de participação social e refere-se à sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados (NOBRE; HORA, 2017). No Brasil, as mulheres rurais trabalham 27,5 horas por semana com trabalho não remunerado, incluindo atividades

domésticas e de cuidados, enquanto os homens dedicam apenas 5,2 horas por semana (FAO, 2016), sendo a divisão do trabalho doméstico uma condição limitante na vida e na produção das mulheres.

Para superar este quadro de sobrecarga é necessário “a reelaboração das relações de gênero em maior ou menor grau, isso porque as mudanças nos sistemas de produção implicam mudanças na divisão sexual do trabalho” (MOORE, 1997).

Frente ao quadro exposto, o movimento de feminista, articulado com o movimento agroecológico, proporcionou o desenvolvimento de metodologias que relacionassem ambas as temáticas, com o objetivo, de reconhecer o papel desempenhado pelas mulheres trabalhadoras rurais para a agroecologia, mas também de visibilizar e avançar a luta feminista, buscando relacionar a lógica de trabalho ao qual as mulheres estavam inseridas e como estas se relacionam com o atribuído papel de cuidado imposto a elas.

Refletindo e incidindo sobre o impacto da injusta divisão sexual do trabalho, as mulheres técnicas em extensão rural, pesquisadoras e agricultoras familiares agroecológicas, articuladas durante o projeto/processo ATER, Feminismo e Agroecologia na Região Nordeste do Brasil<sup>53</sup>, construíram dois importantes produtos: a Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico e a Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste.

A Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico tem como objetivo chamar a atenção para os desafios e abusos – dos mais evidentes aos mais invisibilizados – enfrentados pelas mulheres, independentemente de sua condição socioeconômica ou localização, seja nos centros urbanos ou nas zonas rurais. A campanha se concretiza por meio de diversos materiais comunicativos, como cards, panfletos, bandeiras, camisas, bolsas e faixas, além de conteúdos audiovisuais, como vídeos e zap novelas – uma experiência de comunicação que utiliza a narração de histórias em formato de áudio, adaptado para o WhatsApp, facilitando o compartilhamento e o alcance junto às comunidades (SILVA, et al. 2020).

Por sua vez, refletir a divisão justa do trabalho doméstico no contexto do Semiárido Brasileiro, uma região rica em sua sociobiodiversidade, marcada pela forte presença da agricultura familiar, e importantes experiências de transição agroecológica e convivência, muitas delas protagonizadas pelas mulheres, que em muitos casos contam com o apoio da assistência técnica de organizações não-governamentais, bem como, por uma forte presença de povos e comunidade tradicionais (PCTs), apresenta um importante recorte para análise, trazendo o olhar para o modo de vida e de organização social nas regiões semiáridas e como se expressa a divisão sexual do trabalho, relacionando com as

53 parceria entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Federal do Ceará (UFC) e a extinta Diretoria de Políticas Públicas para as Mulheres Rurais e Quilombolas (DPMRQ) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

características socioculturais, políticas e ambientais.

Assim, reconhece-se o papel fundamental das mulheres agricultoras familiares na convivência com o Semiárido, contribuindo para transformar conhecimentos, saberes e práticas ancestrais em autonomia econômica e financeira, e dar sentido aos modos de vida que garantem a permanência nos territórios. Assumem destacada importância nas experiências de transição agroecológica e de convivência com o Semiárido, sobretudo, naquelas impulsionadas pela sociedade civil que resultam da auto-organização das mulheres trabalhadoras rurais (agricultoras, camponesas, extrativistas, ribeirinhas, indígenas, pescadoras e de povos e comunidades tradicionais).

Este estudo tem como propósito investigar as percepções das mulheres envolvidas no Projeto Jandaíras: Mulheres e Saberes Tradicionais Transformando a Sociobiodiversidade Nordeste acerca da divisão justa do trabalho doméstico. Busca-se, a partir dessas vozes, construir uma compreensão mais abrangente sobre o tema e analisar as implicações dessa divisão na vida cotidiana das participantes. O Projeto Jandaíras abrange 37 grupos produtivos formados por mulheres em contextos rurais do semiárido brasileiro, todas, pertencentes a povos e comunidades tradicionais. Estão representados aproximadamente nove segmentos, entre eles: pescadores e marisqueiras, quilombolas, indígenas, ciganas, quebradeiras de coco babaçu, comunidades de terreiro, povos e comunidades de matriz africana, além de comunidades de fundo e fecho de pasto, dentre outros<sup>54</sup>.

A partir da Campanha Pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico que problematiza e busca transformar a divisão sexual do trabalho e o trabalho doméstico, buscamos neste artigo apresentar os resultados da análise realizada sobre a percepção sobre o tema a partir de grupos de mulheres de povos e comunidades tradicionais, localizados no semiárido brasileiro e organizados no âmbito do projeto jandaíras.

## Metodologia

Para realizar a análise proposta coletamos informações durante a oficina participativa sobre Cadernetas Agroecológicas<sup>55</sup>, facilitada pela autora do presente trabalho, que aconteceu no dia 04/12/2014, na sala de Seminários do Centro de Ensino e Graduação Obra

54 Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais. Possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Empregam conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos de geração em geração (MMA, 2024). Para mais informações acesse: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/povos-e-comunidades-tradicionais>

55 A oficina foi facilitada pela autora principal deste trabalho, a economista e Mestranda no PPGCS UFRPE Luiza Carolina da Silva e pela estudante de Graduação em Engenharia Florestal UFRPE Beathriz Barbosa, ambas pesquisadoras do Núcleo Jurema Feminismos, Agroecologia e Ruralidades.

Escola - CEGOE UFRPE<sup>56</sup>, iniciando às 8h e encerrando às 13h, por ocasião do 2º Seminário do Projeto Jandaíras: mulheres e saberes tradicionais, transformando a sociobiodiversidade nordestina - Reconhecer, Aprender e Avançar, e contou com a participação de 37 grupos produtivos liderados por mulheres de Povos e Comunidades Tradicionais. Algumas mulheres fazem parte de movimento de mulheres e outros movimentos sociais, como o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB e o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste/PE - MMTR NE, a oficina também contou com a equipe técnica das organizações de ATER parceiras. Foram aproximadamente 50 pessoas presentes.



Figura 1 - Momento de apresentação da metodologia da Oficina sobre Cadernetas Agroecológicas. Fonte: Acervo próprio.

A oficina foi dividida em três partes: a mística de acolhimento, a discussão sobre Divisão Justa do Trabalho Doméstico e a Caderneta Agroecológica como metodologia da Economia Feminista. A segunda parte da oficina foi orientada pela metodologia e pelos instrumentos metodológicos desenvolvidos no âmbito da campanha Pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico<sup>57</sup>, onde as facilitadoras buscaram construir um caminho que, primeiramente em que refletem sobre o papel, o lugar e as tarefas desempenhadas por elas para a reprodução da família, para o fortalecimento produtivo da unidade familiar e como a divisão sexual do trabalho impactam suas vidas, conteúdos a partir dos quais buscamos

56 O segundo seminário contou com uma programação ampla, contemplando espaços de reflexão, formação sócio-política e técnica e avaliação dos primeiros passos do projeto, da participação dos grupos, das mulheres e dos jovens multiplicadores bolsistas. O intercâmbio de experiências e a incidência política se fizeram presentes em rodas de diálogos, atividades na Feira Agroecológica da UFRPE e da feira agroecológica da Várzea (Agroecovárzea - Espaço Agroecológico da Várzea), ato político para entrega de equipamentos

57 A Campanha Pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico é uma incidência das mulheres que construíram a Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, com 10 anos de existência, é um produto do Projeto ATER Feminismo e Agroecologia, a partir da observação de técnicas e sobre o impacto do trabalho doméstico na vida e na produção das mulheres rurais. Para mais informações acesse: <https://www.instagram.com/divisaojustadotrabalho/>



extrair a percepção do tema.

Inicialmente, as mulheres fizeram uma reflexão individual, que foi sistematizada em tarjetas por elas mesmas, como visto na Figura 2, respondendo à seguinte pergunta norteadora: O que é Divisão Justa do Trabalho Doméstico para você?

Neste momento, as mulheres participantes tiveram aproximadamente 15 minutos para a reflexão individual. Após o recolhimento das tarjetas, foi exposto o vídeo: A vida de Rosa<sup>58</sup>, uma animação desenvolvida pela Campanha Pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico, que narra o cotidiano de uma mulher rural que vivia em uma casa onde não existia a divisão das atividades domésticas. Para encerrar foi provocada uma reflexão coletiva, socializada, onde puderam compartilhar umas com as outras o seu cotidiano, se dividem ou não as tarefas com seus companheiros, os aprendizados que tiveram durante as formações políticas e projetos que participaram, dentre outros assuntos.

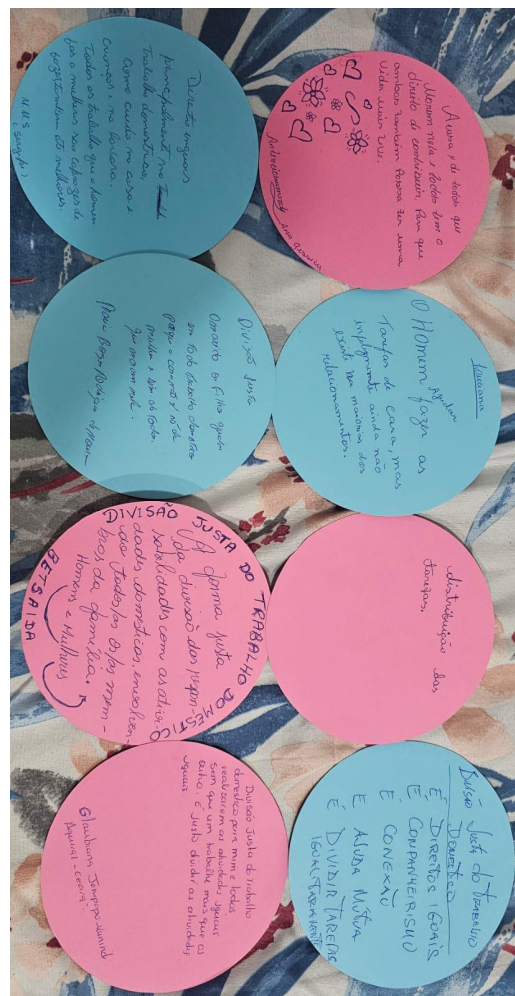


Figura 2 - Registro das tarjetas preenchidas pelas mulheres durante a Oficina sobre Cadernetas Agroecológicas. Fonte: Acervo próprio.

Foram realizados registros qualitativos a partir da sistematização de tarjetas, fotografias e gravações de áudio. A análise qualitativa foi realizada de duas maneiras: a primeira baseou-se na sistematização das informações das tarjetas, organizadas numa lista, onde as mulheres que não se identificaram foram nomeadas de “anônimas” e numeradas de 1 a 7, ao todo, 49 mulheres responderam. No segundo momento, a reflexão coletiva foi gravada e transcrita e por último, adotou-se a metodologia Nuvem de Palavras, elaborada pela plataforma word clouds<sup>59</sup>, para facilitar a observação dos resultados. A amostra da oficina contém uma ou no máximo duas mulheres por grupo produtivo representando o conjunto das mulheres de determinada comunidade que estão envolvidas e representando todos os estados de atuação do projeto.

Para efeito da análise pretendida não realizaremos neste momento aprofundamento a partir das especificidades de cada povo ou comunidade envolvida, mas somos cientes que uma compreensão mais aprofundada sobre a temática exigiria um olhar mais atento a estas particularidades.

Na sequência, apresentamos os resultados do estudo em articulação com a literatura feminista, especialmente com os aportes da economia feminista, destacando as reflexões sobre a divisão sexual do trabalho e o trabalho doméstico. A análise também se apoia em dados secundários, com o intuito de aprofundar a compreensão das percepções, tanto individuais quanto coletivas, das mulheres sobre a Divisão Justa do Trabalho Doméstico.

## Resultados

*Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer  
Participando sem medo de ser mulher  
Porque a luta não é só dos companheiros  
Participando sem medo de ser mulher  
Pisando firme sem medir nenhum segredo  
Participando sem medo de ser mulher  
Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer  
Participando sem medo de ser mulher  
Pois sem mulher a luta vai pela metade  
Participando sem medo de ser mulher  
Fortalecendo os movimentos populares  
Participando sem medo de ser mulher<sup>60</sup>*

59 Disponível em: WordClouds.com

60 Disponível em: <https://mtcbrasil.org.br/sem-medo-de-ser-mulher/>

As mulheres, participantes da Oficina, ao responderem a pergunta: O que é divisão justa do trabalho doméstico para você? apontam que a questão central está na ausência dos homens nas tarefas domésticas, sejam eles seus maridos, filhos ou irmãos. As frases: “Direitos iguais”; “Dividir as tarefas igualmente”; “Distribuir as tarefas domésticas entre mulheres e homens”; “Divisão das responsabilidades domésticas”; “Divisão de atividades iguais entre mulheres e homens” foram as que mais se repetiram.

As mulheres trouxeram o Companheirismo como um ponto forte na relação entre mulheres e homens, para elas, esta relação de parceria e união é fundamental para que haja a divisão das tarefas domésticas envolvendo toda família, também um fator importante na educação dos filhos.

*“Divisão de tarefa igual entre os filhos homens e mulheres, para que as meninas não cresçam aprendendo que trabalho doméstico é responsabilidade apenas das filhas mulheres”. Agricultura Anônima.*

A divisão sexual do trabalho, como fator estruturante das relações sociais, reforça a necessidade de uma educação doméstica para os filhos e filhas que supere a falsa dicotomia entre trabalho de homens e de mulheres, contribuindo assim para romper com tal lógica, ao passo que, constrói uma sociedade menos desigual para as meninas e mulheres. Neste sentido, a divisão justa do trabalho doméstico se mostra como um caminho fundamental para transformar a vida de todas as pessoas.

Além do companheirismo as mulheres também destacam a necessidade de compreensão e da união familiar como uma saída para superar a falta de divisão das responsabilidades com a casa

*“É sempre um se colocar no lugar do outro, quando alguém se coloca no lugar daquele que acha que faz menos, a pessoa vai entender que a carga do outro também pesa e assim passa a dividir o peso da carga. Assim se faz a justa divisão” Valda”.*

A Nuvem de Palavras (Figura 3), apresenta a sistematização das respostas centrais, as frases e palavras de maior tamanho representam as respostas que mais se repetiram.





Figura 3 - Nuvem de Palavras. Fonte: Elaboração própria.

Na vida das mulheres participantes, não existe divisão justa do trabalho doméstico, tal constatação dialoga com o Relatório Tempo de Cuidar do Instituto OXFAM, que aponta que são elas as responsáveis por 75% do trabalho de cuidado no mundo. A Pescadora e Marisqueira do Litoral Pernambucano Sandra Franco, relata: “o meu marido ainda é muito machista, aprendeu vendo meu pai, onde até a comida minha mãe colocava no prato... mas creio que vou superar isso.” E complementa “se eu ajudo com dinheiro, ele tem que me ajudar com o trabalho doméstico.” Indicando a relação existente entre a divisão sexual do trabalho e autonomia financeira. Destaca-se ainda a frase Salário Igual, que pode apontar como a divisão justa do trabalho doméstico também se relaciona com a desvalorização salarial das mulheres, frente aos salários dos homens de mesma ocupação.

De modo geral, há um entendimento entre as mulheres participantes: dividir o trabalho doméstico de forma justa é garantir a participação de toda a família nas tarefas domésticas e de cuidado, compartilhando a responsabilidade, diminuindo a sobrecarga sobre as mulheres, sejam elas mãe, filhas, netas, esposas, companheiras.

Os resultados demonstram as percepções mais comuns encontradas entre as mulheres participantes da oficina e contribuem para pensar um aprofundamento destas temáticas e potencializa a atuação da equipe técnica do projeto no desenvolvimento de metodologias apropriadas para o diálogo entre o trabalho doméstico e suas distinções na vida das mulheres participantes do projeto Jandaíras.

## Considerações finais

O presente trabalho apresentou uma sistematização da compreensão das mulheres de povos e comunidades tradicionais sobre a Divisão Justa do Trabalho Doméstico na vida das mulheres representantes de 37 grupos produtivos do semiárido brasileiro. A metodologia da oficina apresenta potencialidades na construção do conhecimento de forma coletiva e participativa, partindo do olhar e da reflexão individual para formação de ideia geral que revela os pontos centrais sobre o papel e a responsabilidade das mulheres participantes nas tarefas domésticas.

Ao relacionar as respostas da oficina prática com o referencial bibliográfico embasado por autoras que discutem os papéis de gênero e a divisão sexual do trabalho é possível perceber que a estrutura patriarcado, capitalismo e racismo, neste caso, soma-se ainda a diversidade étnica, atuam como forma de perpetuar relações de poder e dominação sobre as mulheres, elas por sua vez, apesar de compreenderem e afirmarem que a responsabilidade pelas tarefas domésticas deveria ser compartilhada por todos e todas que residem na mesma casa e fazem parte da mesma família, ainda são as mais sobrecarregadas por tais atividades, o que reflete nos resultados que apontam como frase mais repetida durante a reflexão individual: Direitos iguais.

As questões apresentadas neste trabalho são iniciais e trazem aspectos gerais, as conclusões são parciais, sendo necessário continuar realizando análises sobre a temática no âmbito do Projeto Jandaíras, contudo, ao propor o fortalecimento produtivo dos grupos de mulheres, a questão do trabalho doméstico é imprescindível para compreensão das dinâmicas e das relações sociais das quais elas estão envolvidas, e desta forma, considerar a relevância desta questão no resultado produtivo e nos indicadores de eficiência.

Uma outra questão central é trabalhar o conceito de Povos e Comunidades Tradicionais de forma mais qualificada, pois, uma análise mais detalhada requer conhecer as especificidades de cada segmento de PCT's envolvidos no projeto, sendo necessário caracterizar o modelo de organização doméstica para verificar como esta atividade é exercida nas comunidades. Para isso, é necessário acrescentar instrumentos de coletas de dados e desenvolver visitas de campo para uma observação participante, dentre outras possibilidades metodológicas.

Diante do exposto, é possível afirmar que esta etapa representa o início de um processo com potencial significativo para o fortalecimento das mulheres e para o avanço do Projeto Jandaíras como um todo. Ao promover momentos de reflexão sobre a temática da divisão justa do trabalho doméstico, a iniciativa possibilita que as participantes reconheçam os impactos dessa carga em suas vidas. Tais reflexões evidenciam como a presença — ou a ausência — de uma divisão equitativa do trabalho doméstico afeta diretamente não

apenas os aspectos produtivos, mas também a reprodução da vida familiar, bem como a organização e a participação sociopolítica das mulheres.

## REFERÊNCIAS

- CARRASCO, C. A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução. Revista dos pós-graduandos em ciências sociais ano 26, nº 52, 2018 - IFCH/UNICAMP
- FAO. Los programas de protección social con enfoque de género tienen mayor impacto en la erradicación del hambre y la pobreza. 2016. Acesso em: <https://www.fao.org/republica-dominicana/noticias/detail-events/en/c/386401/>
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Caderno nº 3 da Coordenadoria Especial da Mulher: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres Desafios para as Políticas Públicas, São Paulo, 2003.
- KERGOAT, D. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. NOVOS ESTUDOS CEBRAP 86, março 2010 pp. 93-103.
- NOBRE, Miriam; HORA, Karla. Atlas de la Mujer Rural en América Latina y Caribe. Santiago do Chile: FAO. 2017. Acesso em: <https://virtualeduca.org/idp/archivos/documentos/25/FAO.pdf>
- MOORE, H. “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830.
- FEDERICI, S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista / Silvia Federici; tradução de Coletivo Sycorax — São Paulo: Elefante, 2019.
- SOUSA, L. P. GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. Estudos Avançados. vol.30 nº 87, São Paulo, maio/agosto, 2016, p. 123 a 139.